

A REDUÇÃO DA NASALIDADE EM DITONGOS DE SÍLABA ÁTONA EM FINAL DE  
VOCÁBULO ENTRE FALANTES BILÍNGÜES E MONOLÍNGÜES DO RIO GRANDE DO SUL

Taís BOPP DA SILVA (UFRGS)  
Luiz Carlos SCHWINDT (UFRGS)

**ABSTRACT:** *In Brazilian Portuguese, the final syllable of words ending with nasal diphthong is variable and can be spoken keeping the nasality or not (homem ~ homi 'man' and viagem ~ viagi 'trip'). In order to investigate the phenomenon, we analyzed data from VARSUL databank. The methodology that we used follows the Variable Rule.*

**KEYWORDS:** *nasality; nasal diphthong; variable rule.*

## 0. Introdução

O fenômeno da redução da nasalidade em sílaba final de vocábulo já foi descrito por Battisti (2002). A autora, que analisou dados do Projeto VARSUL, verificou que os fatores *falante catarinense*, *nomes terminados em -gem* e *contexto seguinte vocálico* são os que, de fato, favorecem a aplicação da regra.

Nosso estudo toma como ponto de partida esta pesquisa, buscando verificar quais fatores lingüísticos e extralingüísticos podem atuar a favor da redução da nasalidade dos ditongos nasais átonos, em uma amostra constituída por falantes de Porto Alegre e de Panambi. A partir desta amostra, controlamos um conjunto de variáveis, dentre as quais algumas já analisadas por Battisti (2002), a saber, *escolaridade*, *contexto seguinte*, *contexto precedente*, *vogal do ditongo* e *classe de palavra*, e outras exclusivamente analisadas por nós (*bilingüismo*, *idade*, e *tonicidade do contexto seguinte*).

## 1. Metodologia

### 1.1 Constituição da amostra

Nosso *corpus* foi formado a partir de 24 entrevistas provenientes do banco de dados VARSUL. A amostra foi estratificada de acordo com as variáveis extralingüísticas por nós analisadas, as quais serão expostas a seguir. Para garantir uma amostra representativa, buscamos preencher cada célula social com um número de três informantes.

### 1.2 Definição das variáveis

Analisemos, primeiramente as **variáveis extralingüísticas**, as quais servem de suporte à estratificação da nossa amostra. Controlamos, para efeito de análise de fatores sociais, *bilingüismo*, *idade* e *escolaridade* do falante.

Por *falante bilíngüe* entendemos aquele que possui algum grau de domínio da língua de substrato dominante em sua cidade de nascimento e criação. No caso de Panambi, a língua de contato com o português é o alemão. O *falante monolíngüe*, ao contrário, é aquele que não possui interferência de substrato lingüístico, como é o caso do falante porto-alegrense. Ao propormos o grupo de fatores **bilingüismo**, especulamos se a língua de substrato poderia trazer consigo características particulares com relação à aplicação do fenômeno.

Com o grupo **idade** buscamos verificar se há interferência da faixa etária do falante para a aplicação do fenômeno. Para tanto, utilizamos a divisão bipartida do VARSUL, que separa os informantes em *abaixo* e *acima de cinquenta anos de idade*.

Por fim, perseguimos a hipótese de que fenômenos lingüísticos possam ser sofrer influência do mundo letrado. Assim, o fator **escolaridade** também foi por nós controlado. Contudo, da divisão tripartida do banco VARSUL priorizamos apenas as faixas extremas, a saber, até quatro anos de escolaridade, de um lado, e nove a onze anos de outro. A razão de não contemplarmos a faixa intermediária deu-se com o intuito de contrastarmos o menor e o maior nível de aprendizado formal dos falantes.

Entremos, agora, no âmbito das **variáveis lingüísticas**. A **variável dependente** em nosso estudo é a redução da nasalidade. Desta forma, a aplicação da regra é o apagamento do traço nasal do ditongo, como em *foru* e *homi*. Contabilizamos como não-aplicação da regra os casos em que a nasalidade se mantém, tal como em *foram* e *homem*.

Com intuito de verificar os fatores intervenientes no processo de redução, um conjunto de **variáveis lingüísticas independentes** foi considerado. O grupo **vogal do ditongo** analisa se as vogais

médias ou a vogal baixa prioriza a redução. O *contexto precedente* ao ditongo também foi alvo de verificação. Neste caso, procuramos averiguar se a posição de onset que forma sílaba com o ditongo é formada por consoante nasal, não-nasal posterior ou anterior ou até mesmo por vazio. O *contexto seguinte*, por sua vez, foi analisado em termos segmentais e supra-segmentais. Ou seja, está em jogo se o contexto seguinte é formado por consoante nasal, não-nasal, ou vogal, e se este contexto é ou não proeminente, conforme a *tonicidade*. Ressaltamos que podem ocorrer também contextos vazios. Por fim, mereceu tratamento o grupo *classe de palavra*, o qual define o status gramatical do vocábulo que carrega o ditongo. Nesse contexto, podemos ter substantivos, verbos em pretérito, verbos em não-pretérito e nomes terminados em *-gem*.

Em suma, nossa análise procura determinar a influência dos seguintes grupos de fatores:

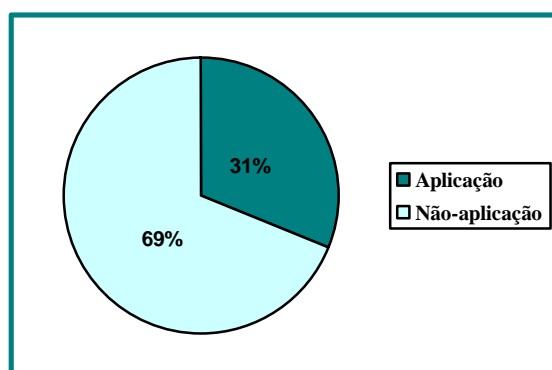
Variáveis extralingüísticas	Variáveis lingüísticas
Bilingüismo Idade Escolaridade	<b>Variável dependente:</b> Redução da nasalidade  <b>Variáveis independentes:</b> Vogal do ditongo Contexto precedente Contexto seguinte Tonicidade do contexto seguinte Classe de palavra

### 1.3 Método de análise dos dados

Nossos dados, após coletados e transcritos, foram submetidos à análise multidimensional de pesos relativos pelo programa VARBRUL. Este programa apresenta freqüências e pesos relativos.

## 2. Resultados

A redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulo é uma regra tipicamente variável, mostrando freqüência de uso moderada. Do universo de 1.728 dados por nós coletados, 553 apresentaram aplicação da regra de redução, enquanto 1.195 apresentaram a nasalidade preservada. A distribuição geral de aplicação da regra é mostrada no gráfico abaixo, em termos de porcentagens.

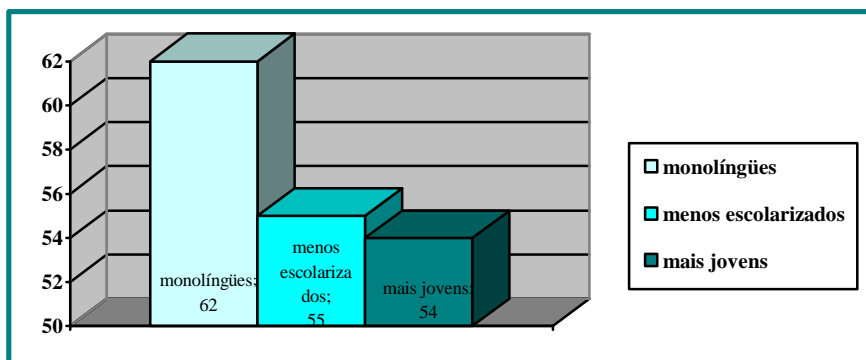


**Gráfico 1**

Freqüência geral de aplicação da regra

As **variáveis extralingüísticas** por nós controladas obedeceram à seguinte ordem de seleção: *bilingüismo*, *escolaridade* e *idade*. A partir desta seleção é possível traçar o perfil social de distribuição da regra, que é favorecida pelo falante monolíngüe, de baixa escolaridade e mais jovem. O gráfico abaixo

nos ajuda a visualizar esta distribuição, bem como nos informa o peso relativo de cada um dos fatores favorecedores.<sup>1</sup>

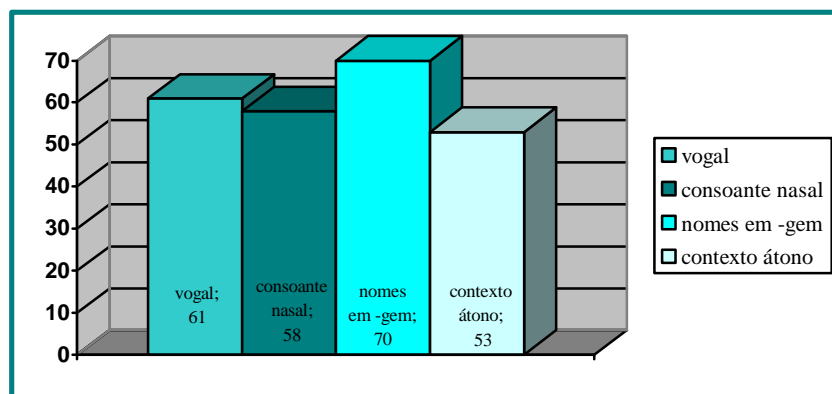


**Gráfico 2**  
Distribuição dos fatores extralingüísticos

Este resultado demonstra que o bilingüismo, ao contrário do monolingüismo, tem papel desfavorecedor na atuação da regra. Assim, resta apurar em maior detalhe a natureza dos traços da língua de substrato que atuam no sentido de inibir a redução da nasalidade.

Quanto ao fator escolaridade, nossos números sugerem que, por ser uma regra impulsionada pelos falantes de menor escolaridade, a redução poderia ser tida como uma regra socialmente estigmatizada. Por fim, a atuação mais direta dos falantes mais jovens poderia indicar que uma possível mudança estaria iniciando. Contudo, o peso relativo para este fator é baixo para indicar mudança e, ainda que este fosse substancial, seriam necessários estudos em tempo real para apurar esta hipótese.

As **variáveis lingüísticas** selecionadas pelo programa VARBRUL, em ordem de relevância, foram *contexto seguinte ao ditongo* (com o fator *vogal*), *contexto precedente* (pelo fator *consoante nasal*), *classe de palavra* (constituída de *nomes terminados em sufixo -gem*) e *tonicidade do contexto seguinte* (com relevância do fator *átoto*). O gráfico que abaixo apresentamos ilustra esta ordem de seleção, e mostra, ainda, os pesos relativos para cada fator.



**Gráfico 3**  
Distribuição dos fatores lingüísticos

Nossos resultados, de certa maneira, vão ao encontro daqueles encontrados por Battisti (2002). O contexto seguinte favorecedor à aplicação da regra, conforme os dois estudos, é aquele formado por uma vogal em ambiente átoto, conforme as seqüências *tinham acabado*, *foram agora* ou *jovem amigo*. Ainda que Battisti não tenha controlado *tonicidade do contexto seguinte*, a autora observou a tendência ao

<sup>1</sup> Utilizamos, meramente para fins de apresentação, um formato não-canônico nos gráficos 2 e 3, isto é, tais gráficos apresentam fatores provenientes de diferentes grupos, o que não permite estabelecer comparações entre suas colunas.

apagamento diante de contexto átono em seus dados, o que nos motivou a analisar esta variável, confirmando sua relevância.

Também em conformidade ao estudo da autora está nosso resultado para o grupo classe de palavra, que apontou a categoria *nomes em –gem* como o principal impulsionador da regra. Conforme já apontado por Battisti, esta categoria de vocábulo em português é alvo de variação, apresentando tendência ao apagamento do ditongo. Com isso, muitos vocábulos já apresentam a variante com o ditongo reduzido dicionarizada, como a forma *garage*, por exemplo. É digna de menção, dentro da variável classe de palavra, a propensão ao apagamento da nasal nas formas verbais em pretérito em comparação às formas em não-pretérito. Conforme verificamos, nestas últimas a nasal tende a ser preservada porque dela dependem marcas de flexão que não podem ser neutralizadas, de acordo com a primeira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo, *ando* e *andam*, respectivamente, que se neutralizam em *andu* na fala coloquial.

Em relação ao contexto precedente, ficou evidenciado, pelos nossos números, que a redução da nasalidade é favorecida quando o onset contíguo ao ditongo é preenchido por uma consoante nasal, ao contrário do que encontrou Battisti (2002), que observou forte atuação das consoantes orais. Ambos os estudos, contudo, revelaram uma polarização dos pesos relativos quanto à presença ou não de onset na sílaba. Queremos dizer que, quando a posição de onset é preenchida, a redução é altamente favorecida, ao contrário dos casos em que esta posição é vazia, nos quais não se observa tendência ao apagamento da nasal.

### 3. Conclusão e perspectivas futuras

A análise multidimensional de pesos relativos apurou que a redução da nasalidade em sílaba átona em final de vocábulo é uma regra de ocorrência moderada no universo de nossos dados, os quais foram coletados amostras de fala de bilíngües e monolíngües, a partir de entrevistas de Panambi e de Porto Alegre.

Esta análise revelou que a regra é relativamente mais aplicada pelo falante monolíngüe, portanto sem influência de língua de substrato, menos escolarizado (o que evidencia ser uma regra influenciada pela questão do letramento), e mais jovem.

A análise dos fatores lingüísticos revelou que a redução da nasalidade é uma regra condicionada por restrições fonotáticas (dada a influência dos contextos seguinte e precedente), prosódica (tendo em conta a seleção do fator *tonicidade do contexto seguinte*) e lexical (em conformidade com a influência dos fatores *nomes em –gem* e *verbos*, no grupo *classe de palavra*).

Em decorrência destes resultados, algumas questões são levantadas. A primeira delas surge a partir do que nos apontou a variável bilingüismo. Se, conforme apuramos, existe uma diferença de uso da regra entre bilíngües e monolíngües, com a tendência de o bilíngüe preservar mais o ditongo, resta saber, em primeiro lugar, que fatores provenientes da língua de substrato, no caso o alemão, são decisivos para bloquear a aplicação da regra. Em segundo lugar, poderíamos propor um exercício análogo para investigar o desempenho da regra em sistemas bilíngües que têm como língua de substrato aquelas provenientes de outras etnias formadoras da região sul do Brasil.

Um segundo questionamento deixado por nossa pesquisa sugere que se aprofundem estudos sobre a relação entre a nasalidade que é passível de redução e a morfologia do português. Nossos números mostraram que a redução da nasalidade tende a ser inibida quando está em jogo a preservação de ambientes morfológicos, contudo, ainda que exista esta restrição, o apagamento neste ambiente não foi nulo, o que aponta para alterações morfológicas que devem ser examinadas com atenção.

Acreditamos que este estudo trouxe alguma contribuição no sentido de enriquecer a descrição do português. No diálogo com o estudo de Battisti (2002), corroboramos a descrição já existente do fenômeno, assim como a ampliamos, ao propormos a investigação de novos grupos. Por outro lado, nossa análise apontou para novos aspectos que, como acabamos de mencionar, suscitam outras discussões.

**RESUMO** *No português brasileiro, a sílaba final de vocábulo formada por ditongo nasal sofre variação, alternando formas preservadas e formas reduzidas de nasalidade (conforme homem ~ homi e viagem ~ viagi). A fim de investigarmos o fenômeno, debruçamo-nos sobre uma amostra de 24 entrevistas do banco de dados VARSUL. A metodologia que norteia nossa pesquisa é a da Regra Variável.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *nasalidade, ditongos nasais, Regra Variável.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATTISTI, E. Ditongos nasais em sílaba átona e fidelidade posicional. In: Collischonn, G. Hora, D. (orgs.) *Teoria Lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa, Editora Universitária/ UFPB, 2003.
- \_\_\_\_\_. A redução dos ditongos nasais átonos. In: Bisol, L., ; Brescancini, C. (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2002.
- \_\_\_\_\_. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, v.5, n.2,1989.
- BRESCANCINI, C.R.B. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: Bisol, L.; Brescancini, C. (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2002.
- CÂMARA JR., J.M. *Estrutura da língua portuguesa*. 14.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística descritiva*. 7.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1976a.
- \_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976b.
- CEDERGREN, H.; SANKOFF, D. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. *Language*, Baltimore, v.50, n.2, 1974.
- CHAMBERS, J.K.; Trudgill, P. *Dialectology*. Second edition. Cambridge University Press, 1998.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Cambridge, MA: Blackwell, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. *Language*. Baltimore, v. 45, n.4, p. 715-762, 1969.
- MACKEY, W.F. The description of bilingualism. In: Fishman, J.A. (org.) *Reading in the sociology of language*. 3. ed, Monton, p. 554-584, 1972.